

Econ - Brasil

# Fiscalização geral

O autocontrole dos preços exige treinamento. Só o tempo acostuma. Enquanto isso, tem-se de recorrer à fiscalização estatal; fiscalização, note-se bem, não propriamente intervenção, que em certos casos é necessária.

E que o País ainda sofre de velhos vícios, agravados no passado recente. A especulação, por exemplo, a pior filha da inflação. Custa muito se reacostumar ao trabalho como fonte de toda riqueza verdadeira, real.

Pensando assim, o Governo Sarney resolveu contra-atacar. Já tardava. Os fiscais do Presidente ficaram na defensiva, senão no desânimo. A inflação latino-americana tem muito de cultural. Produto de hábitos distorcidos. Dos quais até o consumidor faz parte, ao aceitar passivamente os desmandos. Quando se pensa na organizada reação dos consumidores nos países democráticos desenvolvidos, logo se vê o que se entende por cidadania. E preciso também o Brasil chegar lá.

Aqui a pressão vem sendo triangular. O eleitor, principalmente neste ano de Constituinte, aperta o Estado, e este se remete aos produtores e mais aos distribuidores. E se voltar a inflação galopante, adeus estabilidade não só econômica, também institucional.

Daí a necessidade de mobilização de novo da Sunab. Ela precisa reentrar em campo, para devolver o ânimo ao consumidor desacostumado neste outro tipo de democracia.

Lembre-se enfaticamente que a inflação atingiu, nos dois primeiros meses do corrente ano, o

altíssimo nível de trinta por cento, mais em fevereiro. Apesar de seus 28 dias. O País não agüentaria o término do ano. Muito antes, a esta altura, a situação seria crítica, o que só se conseguiu evitar com o Plano Cruzado.

Note-se que a inflação logo caiu, com a Reforma Econômica, para menos de quatro por cento em cinco meses. Teria descido ainda mais se o consumidor permanecesse fiscalizando, a par de uma ação drástica dos órgãos oficiais. A tenacidade coletiva é qualidade nascente entre nós. Demora pouco. Vem um desânimo estranho, diante da reação do especulador, que sabe disso e avança impunemente.

Todo um processo se encontra em jogo, o processo da retomada do desenvolvimento econômico, acoplado à estabilização institucional da democracia. Uma coisa não funciona sem a outra. Nem que seja aos trancos e barrancos, em meio ao aprendizado, difícil porém viável. O combate à inflação insere-se, assim, num contexto didático.

O pior da inflação consiste evidentemente na erosão dos salários. Eles tendem a sair perdendo na confrontação. O choque heterodoxo apresenta a vantagem de congelar também os preços. Se ele acabar falhando, virá o tratamento ortodoxo, tentando cortar as bases da oferta na demanda. Sem elasticidade, o consumo se retrairá e os preços tenderão a firmar-se, embora por um caminho mais doloroso. A corda da economia espichará muito, podendo romper-se, e virá talvez a recessão. Eis os perigos que

ameaçam o cidadão desprevenido. Daí a volta da Sunab ao circuito antiinflacionário. Não se pode abandonar o combate, bom combate.

As experiências demonstram o impacto violento do choque ortodoxo. Seu tratamento até que pode surgir mais rápido, contudo sua eficácia traz muitos traumas. O País inteiro balançaria perigosamente. Ninguém queira pagar para ver, porque pode terminar vendo.

Apesar de tudo, resta muita margem de manobra heterodoxa. O ano de vida do combate deve ser contado de março a março. Só que no segundo semestre costumam aumentar as pressões inflacionárias, com o décimo terceiro salário, as distribuições de lucros, gratificações etc. Cumpre começar cedo a contra-ofensiva, antes que seja demasiado tarde. Voltará imperceptivelmente o peso da inércia, recomeçando tudo de novo de mal a pior. Em especial no que tange à decepção popular, quando uma Constituinte necessitar ao máximo do seu apoio, para outra fase da vida democrática enfim consolidada.

O País retorna assim a uma encruzilhada decisiva.

A própria encruzilhada da sobrevivência democrática ele volta.

Por tudo isso o Governo insiste, conclama e mobiliza. A Nação deve ouvir de novo o apelo. Sem perseverança nada se faz, principalmente na vida pública. As expectativas estão depositadas na ressurreição dos fiscais do Sarney, os fiscais do Presidente.